

joão anzanello carrascoza

O  
VOLUME  
DO  
SILÊNCIO

TORDSILHAS

Caçador de vidro	07
O vaso azul	19
Iluminados	35
<i>Night bikers</i>	47
Casais	61
O menino e o pião	69
Visitas	79
Travessia	89
Duas tardes	103
Meu amigo João	117
Outras lições	129
Chamada	141
Umbilical	151
Janelas	161
Dias raros	173
Poente	183
Dora	193
POSFÁCIO	203

CAÇADOR DE VIDRO

AMOSTRA

**E** stão apenas os dois, pai e filho, no carro branco que vai a cem por hora pela rodovia dos Bandeirantes. Não vão a passeio, mas a negócio, precisam de vidros para a casa que o pai está reformando. O filho ainda é menino, vai sair da infância em breve; criança de sete anos se atordoia com as exigências do caminho, a vida já arde no estômago.

Saíram há meia hora da cidade onde vivem, terra de poucas riquezas, embora cercada pelo mar verdejante da cana-de-açúcar. Mar, farfalhante ao vento e estreito, mal dá para que todos pesquem nele a sobrevivência.

Seguem em direção à cidade dos vidros, uma hora os separa de lá, compensa a viagem, à porta da fábrica não há atravessadores. Basta atravessá-la, tornar os preços, fazer a compra e regressar. Regressar, se acaso os desejos dos deuses permitem, coitados dos que

partem quando eles estão de mau humor, tantas são as viagens sem volta.

Conversam pouco, o pai atento ao volante, o filho dirigindo sonhos. Da estrada, cada um tem seu ponto de vista. Ao motorista só lhe interessa a frente, onde o asfalto cintila sob o sol. Por vezes, pelo retrovisor, lança o olhar para trás, o que passou já não nos pertence e, por isso, costuma nos ameaçar com tanta insistência. O menino contempla de lado a paisagem. Há algum tempo, ajoelhado sobre o banco, às avessas, via os carros lá no fundo crescerem, aproximarem-se, e, então, acenava-lhes quando ultrapassavam o Voyage. Agora, de costas para o pai, excede os olhos por essa margem da estrada. O menino sempre gostou de imaginar o que sente, por exemplo, a raiz da árvore que ele está vendo solitária na planície. Ou o que sente a relva fina, ao redor dela, quando a noite cai? Como seria estar deitado ao pé dessa árvore, sobre a relva circundante, que espera abraçar-se ao orvalho? São assim os meninos, sonhadores, viajantes de outras estradas... Ele não sabe, como o pai, frear na hora certa seu pensamento, tampouco reduzir a marcha com leveza, arranca e para bruscamente, mais parece um míssil que persegue a brisa da manhã. Assim vai trilhando dois caminhos, o do Voyage a cem por hora e o seu, íntimo, em pista menos palmilhada.

São duas da tarde, detalhe insignificante, não para os dois, mas para quem está lendo a história, viajando com eles em direção à cidade dos vidros. Não estão longe, já avançaram um tanto e são próximas as duas pontas do trajeto, a cidade onde vivem e a dos vidros.

Talvez fosse melhor medir as distâncias de outra maneira. Não por espaço e tempo, como se faz até agora. Mas pelo que se aprende no caminho.

O pai vê a paisagem a seu lado, um pasto ralo que se espraia silenciosamente, os bois como imóveis porcelanas, ruminando. Gira a cabeça e nota que o filho perde a cena, acompanhando a plantação de laranja do outro lado, as frutas miúdas na ponta dos galhos se acercam, crescem e, num instante, já desaparecem. Há muito o que se descobrir nessa rodovia, em todas aliás, até nas monótonas dunas do deserto há invisíveis surpresas, não adianta sobrecarregar o coração do menino. Como saber qual seu desejo?

Uma fila de caminhões arrasta-se lá na frente, onde o asfalto coleia, como uma cobra luzidia, e envereda num longo aclave. O filho desvia os olhos das laranjeiras, o ruído pesado dos motores despertou-o para a procissão que vai adiante. Na subida, a velocidade do Voyage cai para oitenta, mas não o impede de ir ultrapassando os primeiros caminhões. O menino sorri, satisfeito, não sabe que estes são obstáculos fáceis. Um dia, talvez, descubra o perigo das facilidades; se o terceiro caminhão decidisse passar o segundo, as duas pistas estariam fechadas. Só poderiam passar se os motoristas soubessem também o que é facilidade.

O carro já está no fim do aclave, o menino olha insistentemente para a lona solta, que estala ao vento na carroceria do último caminhão, e tenta adivinhar qual é a sua carga. Vidros certamente não são. Vidros são delicados demais para se carregar de maneira tão

imprudente, a lona escura parece querer voar, um sonhador a compararia a um tapete mágico, rebelde, tanta é sua necessidade de pensar num mundo mais belo.

No último verão, o pai fora com a família para a praia. Uma tarde, tomando seu guaraná à sombra do guarda-sol, ocorrera ao filho perguntar como se faziam as garrafas, onde nasciam os vidros. A mãe achou graça. Talvez por isso sejam tão amadas as mulheres, sorriem por quase nada, sorriem pelo espetáculo da vida. O pai explicou que os vidros não nasciam como frutas, de uma árvore; eram produzidos pelo homem, com as próprias mãos no princípio – galhos nem sempre frondosos – e com seu hálito, imitando o sopro divino. Para se fazer vidro, entre outros ingredientes, era preciso muita areia – que coincidência, estavam na praia, tinham tanta areia nas mãos, apesar de ser inadequada, monazítica – e água, não salgada igual àquela, embora muito sal seja derramado dos olhos nas vidrarias. Mas já não se fazia assim hoje. Trabalho quase só de máquinas, mãos reduzidas, sopro nenhum. Seria mesmo verdade? O pai não lhe disse, vai ver não sabia, que a água não entra na composição do vidro. Estranha é sua serventia. Quando o vidro se funde, incandescente, a água o recebe e o resfria. Nesse abraço, não se ouve nenhum estalo, nenhum grito.

Outra carga deve levar o caminhão, mas pouco importa. Os dois avistam uma placa, mais alguns quilômetros e estarão chegando. O sol segue-os, como a todos, nessa via, rasgando nuvens, estalindo na lataria dos carros estacionados no posto de gasolina, que vai passar à direita do menino.

– Quer parar? – pergunta o pai.

– Não – responde o filho. Deseja chegar logo à cidade, está inquieto, será mesmo com areia e água que se fazem os vidros? Não devia duvidar do pai, mas até Cristo teve suas incertezas, na cruz não perguntou: *Pai, por que me abandonaste?* O menino não hesita por maldade ou descrença. Quer ver apenas, assim também se aprende, com os olhos. O coração, na verdade, já conhece a lição. Mas tantas faltam ainda, não há matéria que mais reprove o homem pela vida.

– Está com fome?

O filho move a cabeça em sinal negativo.

– Quer ir no banheiro? – insiste o homem. Até parece que ele, pai, está querendo parar no posto e precise da anuência do menino.

– Já fui em casa!

E se estivesse apertado, não haveria problema. É sempre fácil para um homem aliviar-se dessa forma, líquida. Quando foram à praia, o pai não teve que parar na serra? Mais fácil ainda é para um menino urinar pela rodovia. Deixavam também os bandeirantes seus rastos de mijo pelas matas.

O Voyage continua pelo asfalto cintilante, o posto agora só interessa aos carros que vêm na sua rabeira, quem sabe atrás outro pai não esteja perguntando o mesmo ao filho, e talvez esses prefiram a parada, estacionem próximo ao restaurante e saltem logo: e aí se poderia vê-los debruçados sobre o balcão, um guaraná e uma cerveja, o verde vítreo de uma garrafa e o marrom de outra filtrando o sol da tarde.



Agora há uma novidade à frente. Na pista contrária, uma jamanta trepida, carregando vários Fiats. O menino apoia-se no santantônio e encosta-se no painel para ver melhor. As sobrancelhas se fundem sob o nariz, herdou-as do avô, dão a seu rosto infantil uma expressão hílare.

– É uma cegonha – o pai diz, ao perceber o interesse dele.

– Cegonha?

– Não tinha visto uma, filho? É um caminhão que leva carros novos – explicou o pai.

Podia ter falado sobre a cegonha, ave que entrega aos pais os bebês, mas preferiu silenciar. Menos por desconfiar que o menino acreditasse em mentiras suaves; mais porque ele, pai, sentia a falta de algo que há muito já perdera.

– Se são carros novos, por que vão em cima de um caminhão velho? – perguntou o menino.

O homem sorriu e disse:

– Por isso mesmo!

Insatisfeito, o filho pensou em perguntar novamente, mas desistiu. Às vezes deixava as coisas pela metade, achava que um dia entenderia. Crescer provavelmente era isso: entender o que agora ele não conseguia.

O carro que vem atrás da cegonha metálica pisca o farol duas vezes. O menino observa, curioso; o pai imediatamente reduz a velocidade para sessenta, quem vive viajando tem de conhecer a linguagem cifrada dos perigos.

– Polícia – ele diz. – Deve ter radar lá adiante.

Em seguida, um ônibus Cometa também sinaliza, avisando os motoristas desse lado. O menino acompanha com os olhos o ônibus que se distancia, quantas pessoas vão lá dentro? Já viajara em alguns veículos, mas nenhum tão imponente como esse Cometa que voa preso à terra.

Não demora, o Voyage assoma numa longa reta. Lá em frente, no acostamento, à sombra de uma carreira de eucaliptos, uma caminhonete, um Apollo, um Diplomata e uma viatura da polícia. Conforme se aproximam, o pai reduz ainda mais a velocidade e distingue dois guardas em meio à pista. Naturalmente, gostam da extensa sombra, e um deles lhe acena, indicando para que estacione.

– Puta merda!

O homem desliga o motor, tira do porta-luvas a carteira de motorista e abaixa o vidro lateral. Pelo retrovisor observa o guarda que atravessa a pista e se acerca, lentamente.

– O senhor estava a cento e dez quilômetros por hora – ele diz. – Documentos, por favor!

Enquanto o guarda preenche a multa, o filho abaixa a cabeça para enquadrá-lo melhor e vai descobrindo os detalhes do emblema policial na camisa, o binóculo no pescoço, o revólver na cintura. O que mais lhe chama a atenção são os óculos escuros, que escondem seus olhos. Para isso também servem os vidros, outra surpresa para o menino na viagem.

– O garoto está sem cinto de segurança – diz o guarda. E, quando entrega a multa ao homem, o menino vê a si mesmo refletido nos óculos escuros.

O pai contorna o cinto de segurança sobre o pescoço do filho e o prende.

– Boa viagem! – o guarda diz e se afasta.

Voltam à estrada. Por pouco não chegavam à cidade dos vidros sem esse prejuízo, ali há outra placa, perímetro urbano, foi por pouco, um azar. O homem parece aborrecido, o menino ainda tem tempo de ver o milharal ondulando ao vento, antes que desviem para a direita, pegando uma senda transversal que os conduzirá à fábrica.

À entrada, um canteiro circular de relva seca e em seu centro queima ao sol uma chapa metálica com as palavras *Seja bem-vindo*. Adiante, avulta um posto de gasolina logo após o canteiro que o Voyage contorna – há sempre um no limiar das cidades. O carro sacoleja ao entrar na rua de acesso, o calçamento é de pedra-macaco, igual ao povoado de onde vem o menino. Ainda bem que ele não sabe o nome da pedra, na certa alguém teria de estudar geologia para explicar-lhe o que um macaco tem a ver com esse chão. Abaixo de um *flamboyant*, os dois encontram um caminhão carregado de enormes esferas verdes que dormem ao frescor da sombra; algumas estão cortadas ao meio, o miolo vermelho e úmido, não há quem resista a tamanha tentação. Os olhos do menino crescem, mas não tanto quanto seu desejo de morder esta fruta. Ele se recorda, inquieto, da primeira melancia que comeu na mesma tarde em que o pai lhe falou sobre os vidros. Tinham saído da praia, ele pedira para carregar o guarda-sol colorido, queria ajudar os pais, felizes são eles quando

ainda têm os filhos crianças. À saída, um homem vendia frutas mergulhadas num grande tanque de gelo. A mãe pediu coco verde, dizia sempre que a água de coco havia sido chuva um dia, chuva de uma nuvem que nascera das águas do mar. O menino escolheu a esfera verde, a maior das frutas, e ficou maravilhado quando o homem, com uma faca pontuda, riscou a melancia e depois, espetando-a, tirou-lhe um triângulo, vermelho vívido, cheio de pequenas sementes negras. Encanto maior foi provar essa fatia da natureza, razão pela qual está sentindo, *hummmm*, a boca inundada de saliva.

Agora sim seria bom se o pai perguntasse:

– Quer parar?

Mas ele segue dirigindo, o carro sobe uma ladeira de casas pobres que vai dar na fábrica. Quase sempre fazemos as perguntas na hora errada ou as respondemos fora do tempo. Nem por isso vamos cultivar o mal do desencontro. O menino parece decepcionado. Achou que todas as casas na cidade seriam de vidro, como uma miniatura que a mãe ganhara no aniversário com uma flor dentro. Seria lindo se as casas pudessem ser realmente de vidro e no interior delas crescessem flores: margaridas, hortênsias, cássias, violetas, rosas. Ou árvores viris: loureiros, oliveiras, nogueiras, figueiras, carvalhos. E então seria um jardim cada bairro, um campo cada cidade, uma floresta o mundo.

Dura um nada tal sentimento, porque a fábrica avulta lá em cima.

– Olha a chaminé – o pai aponta para uma torre alta sem nenhum fio de fumaça.

Não é a única fábrica de vidro, há na cidade outras, menores. Mas essas não produzem desde vidros canelados para janelas até finos cristais como a primeira, que trouxe fama ao povoado, hoje próspero município, embora sejam pobres as casas e o povo que nelas habita. Certamente haverá casas mais confortáveis, em pontos afastados do centro, igual à grande fábrica de vidro, em cujo pátio de acesso o Voyage branco estaciona.

O menino estranha ao observar o imenso edifício à sua frente. Tem de inclinar toda a cabeça para trás, pressionando a nuca para alcançar a última lâmina do telhado que reluz ao sol forte das três da tarde. Se ele imaginava que as casas fossem de vidro, supunha que a fábrica seria uma vitrina toda colorida, igual suas bolinhas de gude. Vidros azuis nas paredes, verdes nas portas, amarelos no chão. Mas ele vê só tijolos e reboco.

Um segurança da empresa pergunta ao homem que tipo de vidros ele procura, é gentil esse guarda, não usa óculos escuros, e, ao obter a resposta, conduz os dois por um pequeno corredor. Chegam a uma porta, *Show-room*, está escrito, *Vidros para construção*, se lê logo abaixo. Podemos observá-los de costas. Pai e filho entram. Chegamos à outra ponta do caminho, começo de uma nova viagem. Como um caco de vidro que um dia cortará o pé do menino, aqui se corta a narrativa.

O VASO AZUL

AMOSTRA

*para Raduan Nassar*

AMOSTRA

A primeira coisa que se revela em meio ao vazio é um vaso, azul, sem serventia. Perdido na névoa, sua base rebrilha sobre uma superfície indefinível. O vaso, obra tão delicada, gira, gira vagarosamente no espaço, ou são nossos olhos que o contornam, não se sabe. Ao menos, tem-se um ponto, fiapo de nada, mas ao qual logo se acrescentará outro. E outro. E outro. Até que se tenha uma história, um homem, uma vida.

A mãe lhe deu o nome de Tiago. Por maldade ou não do acaso, depois de meses ausente, ele vem subindo a estreita alameda para visitá-la. Não avisou, como de costume, telefonando para a vizinha, será uma surpresa, se é que esta palavra existe no vocabulário das mães.

Há meses Tiago não lhe traz um vaso de violetas, um xaxim de avencas, um buquê de margaridas,



paixões dela, tão acessíveis a ele. E há meses não lhe traz a si mesmo, seu filho. Ainda mais se sabemos que as mãos dessa mulher são boas para cuidar de plantas, nunca teve medo de espinhos, ninguém pode culpá-la se uma semente não criou raízes.

Choveu a manhã inteira e o barreiro se espalhou pela rua sem calçamento. Sob a copa de uma árvore centenária, os meninos da vizinhança se enlameiam, Tiago continua a subir, logo os alcançará; em outro plano, está se afastando deles, em definitivo. A casa de sua mãe, pequena, facilmente identificável pelo jardim bem-cuidado, está incrustada além da árvore, onde o aclave do terreno é mais acentuado.

Na mão esquerda, Tiago carrega sua maleta, uma muda de roupa é o bastante, veio só por um dia, irá por muitos. A mão direita, livre, alternou-se com a outra, depois de tanto andar, a espuma vira chumbo. Difícil é o contrário, a cruz sobre seus ombros se transformar nas asas de um anjo. Assim se mede um homem, pela capacidade de mudar as coisas, pelo peso de seus sonhos.

É hora de voar com as asas que ele tem nas costas. Deixemos na árvore os galhos ideais para fazer sua cruz, por enquanto dão sombra fresca aos meninos que o observam, com indiferença, subir a longa alameda. Ofegante, Tiago atravessa a sombra, desvia seu olhar das crianças que continuam, alheias, a chapinhar na lama.

Mais dois passos e Tiago chega à casa materna. Além do portãozinho de ferro, oxidado, estende-se o caminho de cimento até a porta, quase uma escada, degraus suaves, não faz diferença para quem já vem de

tão longe. De ambos os lados, o jardim, dois canteiros, belos e floridos, passagem obrigatória até a varanda. À direita, rosas vermelhas, úmidas, ainda em botões; à esquerda, amores-perfeitos.

Antes de abrir o portãozinho, Tiago olha para a cidade, lá embaixo, fincada entre o vale. Nem chegou ainda aos trinta anos, a respiração opressa não é efeito da ladeira, mas da vida sedentária, acomodada a poltronas, cafés e cigarros. Por um instante, ele pensa na mãe, quantas vezes ela não sobe e desce esta alameda? Terá nas costas uma pesada cruz, ou as asas de um anjo para erguê-la?

Tiago movimentava o ferrolho do portão, a mãe, dentro da casa, atrás dos óculos, por acaso o vê, o perfil rijo, a maleta pendendo dos dedos, pisando o caminho de cimento, flores dos dois lados.

Ela ia até o quarto apanhar algo e, ao cruzar a sala, ouviu o alvoroço dos meninos no barreiro. Estavam ali desde as duas da tarde, quando a chuva cessara. Foi espia-los e acabou por descobrir seu filho passando sob a árvore.

Tiago vem devagar, descobrindo os botões de rosas de um canteiro, os amores-perfeitos do outro, a mãe olha ao redor, verifica se tudo está em ordem na casa e, rápida, efusiva, dirige-se ao corredor. Quando ele erguer os olhos e atingir a soleira, ela baixará os seus para lhe abrir a porta. É um gesto tão inesperado que Tiago se assusta, como se ela estivesse ali, à sua espera, desde o início dos tempos. E se outras mil vezes ali chegasse, fosse qual fosse a hora, dia ou noite, ele a encontraria assim, abrindo-lhe a porta, a sorrir, como agora.